

**A IMPLEMENTAÇÃO DO "SÓ QUE": UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA
TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA**

Letícia Aline Amaral Mattos (letmalik91@gmail.com)

Juliana Barbosa De Segadas Vianna (julianasegadas@gmail.com)

A perífrase conjuncional “só que” e a conjunção adversativa por excelência “mas” são intercambiáveis apenas em contexto de quebra de expectativa, segundo pesquisadores como Longhin (2002; 2003), mas se assinala que para a estudiosa, estas podem assumir cinco microfunções diferentes na estratégia de suspense: marcação de surpresa, marcação de não satisfação de condições, marcação de diferença, marcação de contra-argumentação e marcação de refutação. Todavia, ainda são poucos os estudos que busquem responder sobre como se dá o processo de implementação linguística e social do “só que” (em competição com o “mas”). Isso ocorre, em grande parte, em função das dificuldades que a aplicação da metodologia variacionista acarreta para investigação de níveis gramaticais mais altos, como o discursivo. Isto se dá pelas variantes discursivas serem portadoras de significados, sendo mais difícil perceber uma equivalência semântica, diferentemente do caso de variantes fonéticas (Görski; Valle, 2016). Nesta perspectiva, o presente trabalho busca compreender, sob à luz dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972; 2008), de que maneira os condicionamentos sociais e linguísticos atuam sobre esse fenômeno variável na fala espontânea de Nova Iguaçu (RJ). Assim sendo, os dados linguísticos em variação provêm de falantes nativos de Nova Iguaçu e

foram coletados em um corpus de 18 entrevistas, estratificado em sexo, faixa etária e escolaridade. Além dos fatores sociais já citados, também foram analisados os seguintes fatores linguísticos: subtipos semânticos, transitividade verbal (Halliday, 1985), sequência tipológica (Marcuschi, 2008) e contexto de negação. Isto posto, após a codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico de regras variáveis, Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que indicou como relevantes os seguintes grupos: (1º) subtipos semânticos, (2º) faixa etária e (3º) escolaridade. Diante disso, aponta-se a importância do grupo das microfunções, em que o só que demonstra ser mais produtivo na marcação de surpresa e na não satisfação de condições, algo já visto no trabalho de Pedro (2019), em que este analisa o mesmo fenômeno variável na fala espontânea natalense. Pensa-se que essa preferência pelo uso do “só que” pode ocorrer por uma semelhança semântico-pragmática entre as duas acepções de sentido mais relevantes: ambas parecem ter a quebra de expectativa ocasionada pelo fato de não se observar uma condição de felicidade. Dito isto, estima-se que o falante lança mão do uso do “só que” nesses contextos por conta de sua natureza focalizadora existente, já que a partícula “só” é fundamentalmente um operador de foco, notando-se algumas particularidades que a variante inovadora possui em relação à variante cristalizada “mas”.

Palavras-chave: só que; mas; variação discursiva.